

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 13 DE NOVEMBRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 98.

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

SECRETARIO

ARTHUR MENDES

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
Galeria do elogio mutuo IV	
Olavo Bilac.....	A. DE OLIVEIRA.
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
Adormecida, soneto.....	L. GUIMARÃES.
De Pariz a Madrid.....	JULIA LOPES.
Notas bibliographicas.....	F.
Tempo ido, soneto.....	F. D'ALMEIDA.
Oliver Holmes.....	G. MONTEIRO.
Lila.....	M. CARNEIRO.
Jornaes e revistas.....	S.
Sicut serpens, soneto.....	H. DE MAGALHÃES
Bellas Artes.....	A. PALHETA.
O Ganges, soneto.....	W. DE QUEIROZ.
Theatros.....	P. TALMA.
Tratos á bola.....	FR. ANTONIO.
Sport.....	L. M. BASTOS.
Factos e Noticias.....	
Correio da Gerencia.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS)

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Rogamos aos Srs. Agentes do Correio a fineza de nos devolverem os exemplares d'A SEMANA que, por quaesquer motivos, não tenham sido entregues aos respectivos destinatarios.

Do proximo mez de Dezembro em diante suspendemos a remessa da folha áquelles dos nossos assignantes que não nos obsequiarem com suas respostas ás circulares que lhes temos endereçado,

GALERIA DO ELOGIO MUTUO

IV

OLAVO BILAC

Foi na antiga rua da Vallá (Uruguayana) que nasceu este adoravel poeta. Era por um manhã do dia 16 de Dezembro de 1865; cantavam as aves que elle mais tarde devia cantar, as patativas e os pintasilgos, os canarios e os serradores, os colleiros, os avinhados selvagens e esse bom sabiá que por tanto tempo redobrou seus melhores gorgeios, empoleirado nos estrophes dos nossos poetas. Uma fala (contam que era Podaliria o seu nome) acercou-se-lhe do berço de recém-nascido, trez vezes benzeu-se e poz-se a tecer-lhe o destino:

— Será medico! exclamou radiosa. Grande papel lhe está reservado na sciencia de Asklepios, meu pai. Será obra sua a descoberta dos microbios do amor e outras affecções morbidas, a cura radical das bronchites chronicas e da tuberculose em qualquer periodo. Salve! pagé do Apilacurú do futuro!

La nisto, quando pela aberta janella, entre quatro borboletas azues que lhe faziam com as azas uma sorte de pallio, entrou, cavalgando uma brisa do Corcovado, a mais bella mulher de que falam os Perraults e os chronicistas de então. Fada tambem como a primeira, vestia-se como nunca o fizeram principes e rainhas das *Mil e uma noites*. Polymnia era o seu nome; acercou-se, como a outra, do berço do recém-nascido e poz-se a tecer-lhe o destino:

— Será poeta! exclamou radiosa— poeta como o foi Homero e Theocrito e Anacreonte. Cantará os heroes, cantará a mulher, cantará o amor. Será mais que Terpaniro, o lesbio, que Alceo, que Arion, que Ibycus e Stesichore, dará á lyra corlas já nuns olvidas; da mistura de seus versos, como o fez Archiloco, nascerá uma nova harmonia. Salve! tres vezes salve!

La nisto, quando a interrompeu a primeira fada:

— Muito bem! era o que faltava, vires agora inverter as minhas palavras propheticas! Quem és tu?

— Bonito! tambem era o que faltava travar-me de razões contigo! Pois sabe lá que sou eu a que com oito companheiras irmãs, dança com pés de prata, em choréas levissimas, sobre as eminencias do Hélikon. Conheces o nome? Lé Hesiodo. Prenli o *phormynx* aos dedos dos primeiros cantores, aos aedos do cyclo homerico; figurei nos convívios pagãos, ennastrando de rosas as cabeças dos ephobos e citharedos; dormi com a gloria, vesti-me da



purpura dos triumphadores] de Illyon; fui eu quem lhes ergueu os arcos da victoria, quem o louro lhes offertou e a palma sagrada. Sou uma das filhas de Apollo, a inspiradora dos versos de Pindaro.

La nisto, quando a bôcca da criancinha sobre quem tinham de se decidir tão oppostos destinos, moveu-se, entre abriu-se risonha e, oh! assombro! começou de desferir um punhado de versos. Era uma ode aos bravos do Paraguay; celebrava o poeta-bebé a passagem de Riachuelo, que seis mezes antes, a 11 de Junho de 1865, (*) illustrara a marinha brasileira, como o maior feito de armas da America do Sul. Lá estava, na pompa heroica dos versos, a nossa esquadra guerreira, o *Amazonas*, o *Jequetinhonha*, o *Belmonte*, o *Iguatemy*, etc. Trôa o canhão, encrua-se o combate; no convés da *Parnahyba* tombam trez bravos: Marcilio Dias, Pedro Affonso e Grenhalgh. Empallidece o anjo da gloria, mas logo illumina-lhe o rosto o mais brilhante sorriso; é nossa a victoria! O *Amazonas* mette a pi que trez navios contrarios, fuge a catterva de paraguayos...

(*) Vide a guerra do Paraguay pelo 1.º tenente Jourdan.

O que, porém, naquella ode em botão, nos versos do reconhecido cantor, fazia pasmar era o apuro da Fôrma, a excellencia das rimas, o vigor das onomatopéas. Sentia-se bem que estava ali o futuro artista da *Delenda Carthago*.

Escusado é dizer que Podaliria, cabellos hirtos, pallida de terror, não se teve mais que não desapparecesse, como viera, sem se sentir.

E ahí está a criancinha que cresce e se desenvolve, vac ás aulas, trôça com os camaradas, faz os preparatorios e um bello dia... entra na Escola de Medicina. Empurrou-o para lá com um puxão de orelhas a boa da fada, que teimou em querel-o melico, ajuizado, rico talvez, e Pasteur de mid descobertas.

Mas, entre uma e outra licão, entre o palrar dos lentes e a vozeria dos collegas, a musa sua amiga soprava-lhe a quando e quando um hemistichio aos ouvidos, um alexandrino, um soneto. Resultou d'isto que, por seu muito talento, o menino fadado não tem sido um máu estudante, mas no que se fez e no que é verdadeiramente grande é na Poesia. Dia a dia triumphava Polymnia, seduto-o, convence-o, e elle lá vae arrastado com ella e por ella.

Nessa lyra que todos conhecemos, encorloada como as que melhor disseram da Terra e do Céu, da mulher e dos anjos, nesse amado instrumento que elle tão bem sabe vibrar e a que devemos o *Beijo-Eterno*, a *Tentação de Xenocrates* e o *Sonho de Marco Antonio*, vejamos nós, seus admiradores, um presente de deusa, vejamos a mão fidalga da musa que o serve, essa que sobre o seu berço foi a verdadeira apontando-lhe um destino que, se não escapa á indifferença dos homens, compensa-nos de sobra na elevação de sentimentos com que nos exalta e engrandece.

ALBERTO DE OLIVEIRA

HISTORIA DOS SETE DIAS

Estio! Estio!

Ha tres semanas que o jasmineiro do meu jardim começou de abrir ao largo sol comburento a nitida alvura deslumbrante da sua flor. O primeiro jasmim desabotoado encontrou á sua espera, como um grande seio aberto a todas as vibrações do amor, uma magnolia opulenta, em cujas petalas gloriosas vinha todas as manhãs uma borboleta amarella e negra trocar beijos apaixonados com outra azul e vermelha.

O jasminsinho, muito tímido nas suas primeiras horas de vida, foi pouco a pouco mostrando á magnolia o interior ardente da sua corolla, e ella, a orgulhosa rainha dos vergeis, lá em cima dos seus galhos gigantes, olhava indifferente para o seu humilde companheiro solitario.

Depois, como o amor é pae da ousadia, o jasminsinho atreveu-se a dirigir-lhe uma *declaração*, que foi como uma supplica dentro de uma onda tenue de perfume. A magnolia sentio os primeiros fremitos... o outro continuou.

Horas depois eu vi perfeitamente que o jasmim voltava-se todo para o lado do sol, encrespava as petalas, alteiava a haste, e, num requebro de amor, soltava no espaço a entontecedora cavatina do seu perfume; ao mesmo tempo a magnolia sacudia o casal importuno das borboletas e curvava-se toda, numa languida molleza, deixando descahir em plano horisontal uma petala, que, como uma orelha, aparava a

musica apaixonada e enebriante do namorado jasmim. Havia uma corrente fluidica de aromas entre as duas flores amorosas; sentia-se o espaço todo elevado naquella paixão que fazia corar as ixoras castissimas e arroxcar de indignação os manacás e as begonias.

Estio! Estio!

Sahi de casa. Cá fóra, na rua, o calor abrazava tudo. Cada burguez que passava parecia trazer na cabeça o reservatorio do Pedregulho, taes as bicas de suor que lhe escorriam da testa e iam irrigar a calçada.

Entrára positivamente o verão, este verão medonho, que nos traz sempre a preguiça e muitas vezes a febre amarella!

Parabens a Petropolis e a Friburgo, os dois oasis d'este Sahara povoado, onde nós, pobres beduinos sedentos, temos que ficar torrados porque não ha camellos que levem a nossa caravana até ao hotel Lohenroth ou até ao Palatinado.

E o caso é que a febre amarella está ameaçada de um grande desastre.

Ella já andava um pouco desmoralisada e aqui na capital já ninguem lhe dava importancia; tinha cotação nas provincias e no Estrangeiro, isso sim. Mas agora, que temos a risonha perspectiva do Cholera Morbus, que até tem nome em latim, nem no centro de Minas, nem no Estrangeiro, nem nas adjacentes se dará o menor credito, a minima consideração á nossa velha Amarella.

O cholera virá desthronal-a completamente e nem lhe valerão os acreditados microbios do Dr. Freire!

Tambem, assim deveria ser. O cholera, vindo da Azia, soube fazer uma reputação europea. Deslumbrou Pariz e Marselha, assombrou a Italia e a Hespanha; da Hespanha, passando á America, era natural que começasse pelas republicas hespanholas. D'estas virá dar um gyro pittoresco até ao Canal do Mangue, enquanto o Sr. Révy o não absorve inteiramente com a sua insaciavel prespiração.

Conservando-se, assim mesmo desmoralisada, a febre amarella, se o cholera vier, o Rio de Janeiro poderá ser chamado cidade das Duas Delicias!

Já que me escorreu da penna o nome do Sr. engenheiro Révy, consigno aqui o meu protesto á cavilosa insinuação que a *Gazeta* de segunda-feira fez a este distincto cavalheiro.

Disse ella, a malvada *Gazeta*, que o Sr. ministro do imperio dissolvera a commissão medica encarregada de ir ás provincias do norte estudar o beriberi, porque os 300 contos concedidos pelo parlamento para a verba soccorros publicos não chegaram senão para os estudos do Sr. Révy! E acrescenta que pessoa de todo o conceito lhe affirmara que, no tocante á *defesa* d'esses 300 contos, o Sr. ministro « encontrou deante da sua boa vontade uma *Resistencia Superior* e contra a *Qual* nem os proprios governos podem nesta terra. »

As iniciaes maiusculas nessas tres palavras encerram outra insinuação não menos cavilosa atirada á Pessoa mais altamente collocada d'este paiz, Pessoa que anda agora de viagem por longes terras de S. Paulo. Escrever aquellas palavras com maiusculas no meio da oração não é somente um desaforo grammatical, é tambem uma representação subrepticia da conhecida phrase — Nasce de cima a corrupção dos povos.

Que a corrupção dos povos existe e

se faz sentir a todos os momentos, isso é facto incontestante, que nem Mephistopheles — o *espírito que tudo nega* — seria capaz de negar. Agora quanto ao nascedoiro, é coisa que não tem importancia apreciavel. Nasça de cima ou de baixo, a corrupção corrompe sempre. Ora como duas cobras não se engolem, ou, homœpathicamente, *similia similibus curantur*, entendamos que o Sr. Révy é o homem destinado a descorromper-nos por uma vez.

Não nos opponhamos, pois, a que elle, o benemerito engenheiro dos açudes do Quixadá, nos preste esse relevantissimo serviço, embora o beri-beri triumphará no Sul, se a negra Fatalidade o obrigar a transpor os portos que se lhe fecharam e, cortar com a sua razeira inclemente o cordão sanitario que se lhe estende nas fronteiras do Rio Grande.

FILINDAL

Temos hoje, pela primeira vez, o vivo contentamento de publicar uma composição inédita de Luiz Guimarães.

E' um bello soneto: *Adormecida*. Acompanhando-o, recebeu o director d'esta folha a seguinte amabilissima e altamente honrosa cartinha:

« Meu caro e brilhante Valentim.

« Lisboa, 13 de Outubro de 86.

« Ahi vae esse soneto inédito para a sua bella revista. Acolha-o com carinho. Mil confraternidades litterarias para a forte e elegante redacção d'*A Semana* e V., meu illustre collega, mui particularmente, acceite todas as expressões de affecto

and something more

do patricio, amigo e leal admirador — *L. Guimarães.* »

De Lisboa não nos podia trazer o ultimo paquete cousa que mais agradavel e mais grata nos fosse do que os bellos versos e as affectuosas palavras do nosso laureado e sympathico Luiz Guimarães, que com tanta distincção representa e honra a Poesia brasileira em Portugal.

ADORMECIDA

Pallida, fria, exhausta, adormecida
Entre cambrasias — sob um véo rendado —
Teu corpo é como um corpo amortalhado,
Triste criança! triste Margarida!

Teu pequenino seio já caçado
Do negro affan da mundanaria lida,
Mal bate: é um seio gasto, apunhalado,
Morto na aurora, antes do sol da vida.

Sonhas talvez... E eu vendo-te alquebrada
Como a estatua da Infancia apedrejada
Pela dos homens impia mão traidora,

Penso nas santas benções carinhosas
De tua mãe cobrindo-te de rosas...
E não me atrevo a despertar-te agora.

LUIZ GUIMARÃES

DE PARIZ A MADRID

(Conclusão)

A' beira das calçadas de certas ruas estavam em exposição, á venda, tallies, lenços, jarras, ferraduras, fatos de homem, chales, colchas, tesouras, rendas, panellas, alguidares, loiças, cofres, ferrolhos, e muitas, muitas coisas agrupadas aqui e ali, ao lado de uma mulher de touca e avental, ou de um homem de blusa, que sorriam aos transeuntes, convidando-os a comprarem os seus artigos, cousas já usadas, já mesmo velhas na sua maior parte. Num largo mais adiante, vendiam carros, animaes, arrieiros, grandes molhos de vime, etc.

Era na igreja de St. Seurin, que mais brilho tinha a festa. A' porta do templo umas mulheres vendiam vellas e objectos de cera enfeitados com fitinhas es-carladas e verdes; lá dentro, o povo agglomerára-se confusamente. As mães e as amas, com os seus grandes laçarôtes de seda na cabeça, levavam as criancinhas para as pôrem, um momento ao menos, sobre o tumulo de St. Fort, o que, é do fé para ellas, que tão cheias de candura crêm na lenda, dar á suas pequenas e mimosas creaturas, força no corpo e no espirito, para a vida inteira!

Era tal a confusão, tanta a gente, que não lográmos aproximar-nos do tumulo do milagroso sancto; voltámos, passando com difficuldade por entre as mães ansiosas de chegarem ao sitio onde dorme o lendario St. Fort, e as que vinham radiantes por delá trazerem os seus amados filhinhos.

No largo, em frente, grande e bello mercado de flores. Entre as barracas brancas, de lona, passava a chilreadora romaria das criaças, com direcção á igreja.

Demorámo-nos ali. As senhoras bordelesas, vindas da missa, compravam vasos de *pensées*, de *petunias* e de roseiras floridas, e entrando nas suas victorias descobertas partiam rodeadas de flores. Os ramos, aninhados nuns cartuchos de papel branco, aromatisavam suavemente o ar.

Este quadro tinha um encanto indizível e poetico que nos sensibilizou. Crianças e flores, á luz de uma manhã serena, a confundirem-se entre risadas e perfumes! Quem se não sentiria agradavelmente commovido?

Ninguém...

Não esperavamos gostar tanto de Bordeaux, confessamos. E essa boa impressão seria devida a ter-mol'a visitado n'um dia excepcional de regosijo popular, em que tudo se patenteia risonho e feliz?

Não sabemos. O que é certo é que lá passámos um domingo delicioso, que não nos ha de esquecer nunca.

Quando embarcámos para Bayonna, onde deveríamos chegar em poucas horas, entrar ampara o nosso wagon quatro bordeleses—dois velhos e dois rapazes. Os velhos, negociantes de vinho, fallavam do seu commercio com unica-tivamente. Um dos rapazes lia silencioso a um canto, o outro fazia vibrar em cada estação, na sua trompa luzente de metal amarello, uma sonôra aria de caça, voltado para a floresta que margeiávamos e onde haviam de ouvir os caçadores que perseguiram na matta as lebres e as perdizes. O sol dourava as cópas do arvoredado, onde a passarada gorgeava doidamente.

Bello trecho da viagem esse. A fadiga não teria tempo de se apoderar de nós. Chegámos a Bayonna sem cansaço. Na estação proxima soava estridulamente uma marcha tocada com valentia por

uma banda. O povo juntava-se ao redor de um arco de cavallinhos de páu; os gritos e as risadas repercutiam-se estrondosamente.

Em Bayonna tudo era silencio.

Passeámos depois do jantar pelas ruas principaes e recolhemo-nos de novo ao hotel, onde passámos a noite, a ultima noite dormida em França, o agradável e encantador paiz!

No outro dia de manhã tomavamos o comboyo para Hespanha.

Em pouco tempo achámo-nos na terra das *malagueñas* e seguidilhas, onde gyra o pandeiro veloz e estalam requerebradamente as castanholas.

Logo na primeira estação invadimo-nos o wagon um bando de padres faladores (para padres e soldados a Hespanha!) que estiveram todo tempo a elogiar a sumptuosidade de uma festa de igreja a que acabavam de assistir. Na segunda ou terceira paragem que fez o comboyo, numa estação risonha, cercada de eucalyptus, um grupo de hespanholas de mantilha, vestido preto e abanico, tagarellavam alto na *gare*, despedindo-se de uma tal D. Mercedes que embarcava para Madrid, repetindo-lhe muitas vezes — *adios, hija* e abraçando-a apertadamente. Ficámos entretidissimas a vel-as e a ouvir-as, até que de novo o comboyo partiu por entre as estradas floridissimas e silenciosas.

Bello paiz a Hespanha! bello e triste. Ha como que um desmoronamento de grandeza e sumptuosidade em tudo! Para quem vio os campos de Inglaterra e os de França, os de Hespanha causam impressão; parecendo e sendo uaturalmente mais férteis, são mais desaproveitados tambem. Os veios d'agua transparente regam cardos, urzes, e terras bravias, lambendo as collinas e estendendo-se preguiçosamente pelas planicies fóra.

A região do norte da Hespanha, é de uma belleza selvagem, agreste e encantadora.

Parámos nessa tarde em Burgos.

As bandas militares tocavam nos quartéis e em frente á Municipalidade atordoadamente. Nas janellas das casas principaes, fluctuavam as colchas do velho estylo, vermelhas e amarellas, de damasco de seda; a população espanejava-se alegremente pelas ruas. Perguntámos a rasão d'isso tudo. «E' que nasceu hoje em Madrid o nosso rei!» respondeu-nos orgulhosamente um hespanhol que nos indicou o melhor hotel do lugar. Fintos os rapidos reparos de *toilette* de viajantes, fomos visitar a grande Cathedral de Burgos, concluida, creio, ha 700 annos, onde estão as cinzas do *Cid*, natural d'essa cidade, guardadas religiosamente num cofre seguro no alto de uma parede; e onde os enormes claustros abobadados infundem uma religiosidade soturna na alma dos que os visitam.

Uma das mais celebres cathedraes do mundo, pela sua antiguidade, essa.

Voltámos de boa vontade, passando sob o grande arco de St. Maria, para o ar livre da avenida, onde as hespanholas passeavam desembaraçadamente, rindo e conversando com os seus meneios graciosos de cabeça e andar feiteiro e gentil.

Acabado o jantar, á noite, dirigimo-nos a pé para a estação.

Eram 8 horas; o trem partia ás 9 1/2; tínhamos tempo de ir vagarosamente pela grande rua guarnecida de arvôres, á beira do rio, onde a lua reflectia a sua doce luz esbranquiçada.

Havia naquella placidez, naquella quadro silencioso e mauzo, uma poesia tamanha, um refugio tão sagrado e tão puro para o nosso espirito ha tanto occupado com scenas de outra natureza! havia tanta serenidade naquella mur-

murio blandicioso da agua rolando entre seixos, illuminada e triste, que os nossos olhos se humedeceram, e as nossas almas, como as magnolias ao luar, abriram-se á saudade...

De madrugada passavamos pelo Escurial e ás 7 horas da manhã desembarcámos em Madrid.

Lisbôa, 17 de Agosto de 1886.

JULIA LOPES.

Uma boa saude e a energia moral que a acompanha são os primeiros elementos da felicidade humana.

H. SPENCER.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Dr. Sr. Virgilio Vidigal appareceu na Victoria, Espirito Santo, um volume de versos, com o titulo de *Cantos e Prantos*.

Para um poeta de pouca ou nenhuma instrucção, como dizem as noticias locais, os versos do Sr. Virgilio, se não lembram pela pureza da arte e da linguagem os do seu famoso homonimo do Lacio, revelam, entretanto, inspiração e trabalho.

Agora, o que o Sr. Virgilio pode aprender sem custo é um pouco de arte metrica, sem a qual não ha poesia digna d'esse nome. Depois de decorar as regras do Castilho, o Sr. Virgilio não escreverá mais alexandrinos sem hemistichio, como os do seu *Primeiro Canto*, onde, em vinte, ha apenas tres versos certos... por acaso.

Recebemos de Lisboa, enviado pelo nosso prestimoso collega Dr. Luiz Guimarães, um opusculo de 33 paginas, de Thomaz de Carvalho, intitulado—*Physiologia da paixão*.

De Aracaju foi-nos enviado um volume de—*Historias da epocha*, pequenos contos e fantazias interessantes, do Sr. Feliciano Prazeres.

Tambem nos foi remettido da Cachoeira, Bahia, um volume de versos, pelo seu auctor o Sr. Pacheco de Miranda, Filho. *Aerolithos* é o titulo do bello volume, impresso no Porto e ornado de uma magnifica phototypographia do poeta.

O Sr. Oscar Leal offereceu-nos um volume da sua *Viagem ao centro do Brazil*. E' um elegante livro, impresso em Lisbôa e ornado de um retrato do auctor.

#

Quando tivermos lido todos estes livros faremos as notas criticas que elles merecerem.

Por agora fallecem-nos tempo e espaço.

O Sr. Francisco Phaelante da Camara Lima, bacharel em Direito, compoz e publicou *O rei suicida*, poesia em versos alexandrinos.

Tem varios senões, e alguns graves; mas são em geral correctos e inspirados em mais de um ponto estes versos sobre o infeliz rei que,

«... sentindo em su'alma um sonho louro e vago,
Suicidou-se descendo ao fundo azul do lago.»

F.

TEMPO IDO

A D. MARIA DUQUE

Tresdobradas saudades sinto agora;
Da ausencia a dôr mais hoje me alanceia;
A alma, de sonhos de ventura cheia,
Lembra as felizes epochas de outr'ora.

Tempo feliz em que ella, ella, a senhora
D'este peito, ella, a candida sereia
Do mar d'est'alma que por ella anceia
Me encantava de amor co'a voz sonora!

Tempo feliz! Tempo ido, que não voltas!
Tempo do meu incomparavel goso,
Que vens, Memoria, agora recordar!

Tempo, aplaca-me as intimas revoltas,
Tu inda has de voltar mais venturoso,
Quando, mais venturosa, ella voltar!

30 de Outubro, de 86.

FILINTO D'ALMEIDA.

O grande mal d'este seculo é querer-se
gostar sem o incommodo de adquirir o
goso por meio do trabalho.

F. SARCEV.

OLIVER HOLMES

Vem já em viagem de Londres para os Estados Unidos o poeta norte-americano Oliver Holmes, que foi alvo das maiores attentões no mundo litterario da capital de Inglaterra. A imprensa lá tanto o cobriu de elogios que esteve quasi a asphyxial-o. Fizeram-lhe uma recepção brilhante e elle era digno d'ella. Holmes tem direito á homenagem devida á soberania do talento. Conta já setenta e tantos annos e, no declinar da vida, recebeu uma ovação que faria a felicidade d'um artista cheio de mocidade e com uma desmedida ambição de gloria.

Elle, comtudo, apesar de velho, mostra ainda possuir uma extrema delicadeza de nervos e havia de experimentar commoções já demasiado violentas para a sua idade.

Holmes é natural de Boston e eu pude apreciar de perto o desvanecimento, aliás justissimo, que os seus patricios sentiram com os elogios feitos pela imprensa ingleza. Que esses elogios viessem d'outro paiz seriam já motivo bastante para orgulho; porem partindo de Inglaterra têm valor duplo ou maior ainda. Não é necessario ponderar as razões.

Mas um contentamento, por mais airoso, mais nobre que seja, tem, no geral dos casos, o seu lado comico. Chegou tambem a ser encantadora a ingenuidade com que alguns jornaes americanos iam registrando, em forma de attestado, as classificações que a imprensa ingleza fazia ao seu illustre patricio: «Tal folha de Londres chama ao nosso poeta Holmes o Horacio dos Estados Unidos.» Depois: «Tal folha classifica o proeminente poeta Dr. Holmes o Virgilio norte-americano.» E isto era dicto n'esta forma simples; parecia significar: «Elles que o dizem é porque é certo, não é preciso dizer mais nada.»

Passado algum tempo houve um jornal, d'outra localidade, que se adeantou a dizer que Holmes não faria

bem em demorar-se em Londres, porque as mesmas folhas que o elogiavam passariam — por uma consequencia fatal, originada pelo fastio — a desdenhal-o, a ser-lhe desagradaveis; que, portanto, o melhor que elle fazia era safar-se a tempo.

As palavras eram outras, mas o sentido era este. Não parece fresco conselho? Ah! aquella Lefebre quando escreveu o seu bello livro *Paris na America*, estava bem informado do que é a franqueza do jornalismo americano.

Oliver Holmes está pois a chegar á sua patria, coberto de gloria, com o pensamento povoado de lembranças agradaveis. Como será doce para um temperamento impressionavel, como é o seu, ter os ultimos annos de existencia doirados pela recordação dos triumphos e da grande estima rendida por uma nação inteira!

Em Portugal e Brazil, este nome, apesar da grande celebridade que possui, não é conhecido, pelo menos no geral das pessoas que cuidam de coisas litterarias. Pode ser que estas linhas, que não passam d'uma noticia, despertem interesse por uma individualidade da patria de Edgard Poe, em quem tanto se tem falado. Holmes não é um vulto tão extraordinario, tão possante como elle, mas gosa d'uma maior fama entre os seus proprios conterraneos. E a razão é que os seus versos todos os leem com agrado; emquanto que a obra de Poe, é como um pesadello, uma monstruosidade para muitissimos dos que por casualidade o leem hoje.

Oliver Holmes tem varios livros publicados e entre elles um poema que fez epocha e que possui um titulo tão longo como o rumor que causou: é nada menos do que isto: *The Autocrat of the breakfast table*. Todavia as produções d'elle mais estimadas são os seus versos que tem sido reimpressos em muitas edições com o titulo singelo de *Poems*.

Hoje já elle pouco produz: está velho, cansado. Mas os seus versos são sempre lidos com o mesmo interesse, como se tivessem sido escriptos recentemente. Elles possuem um cunho moderno e hão de possuil-o sempre, porque toda a obra de arte feita com uma forte sinceridade e um talento excepcional fica impercível, eterna, como o amor, a tristeza ou a alegria.

O que é moldado em formas convencionaes, embora com uma grande riqueza de imaginação, dura apenas emquanto vigora a moda que estabeleceu essas fórmas. E, tempo depois de cairem em desuzo, certos feitos litterarios causam quasi tanto espanto como uns chapéus altos disparatados, que na epocha propria foram um artigo de requintada elegancia e parecem hoje ridiculissimos. O que não obsta a que elles voltem a campo a seu turno. E' questão de deixar girar a roda. Do mesmo modo alguns feitos litterarios reaparecem, agradam como moda, e vão-se novamente quando surgem outros a supplantal-os pelo seu aspecto de novidade.

Desdenhando, porem, o convencionalismo, Holmes trabalhou dando largas ao seu talento e á sua alma arrojada. Percebe-se ao lê-lo que o seu proposito não era mais do que expandir o seu amor, a sua tristeza, o seu enthusiasmo, a sua alegria. De facto a sua collecção de versos comprehendendo os differentes modos de ser do seu temperamento. Não era um exclusivista da melancolia ou do riso, como tantos poetas. Elle escrevia segundo a impressão do momento, ora alegre, ora dominado por uma grande tristeza, ou com a alma transbordante de amor.

Eis o que é um verdadiero artista,

que primeiro que tudo diz o que sente, antes de cuidar do que pode o seu talento. A alma é que fala á alma. O grande publico quando lê um livro exige que esse livro o impressione d'um modo qualquer: ou que o commova ou que o alegre. Mas não é tanto o talento como a alma que produz esse effeito. E é por isto que as obras poderosamente sentidas firmam, e as obras exclusivamente bem executadas — deslumbram, mas passam.

GARCIA MONTEIRO

A felicidade não está no gosto de ter as cousas, mas no prazer de as alcançar.

RAMALHO ORTIÇÃO.

LILA

A BORBOLETA AZUL

Tão azul, que parecia um fragmento de céu de primavera cahindo, cahindo, oscillante, á caricia folgadia do vento...

O dia todo, á luz loura e morna d'este sol de inverno, foi consagrado a este brinquedo de crianças — a caça das borboletas.

Ali está uma, branca, agarrada ao tronco com os pésinhos de arame, e um desenho chinez, muito fino, a bico de penna, sobre a brancura das azas.

Outra vem lá, descendo, pairando, fugindo, tão alegre, tão sã!... Olha!... como é fugitiva aquella!... Como finge pousar tantas vezes e não pousa nunca!

Vem, fechando as azas, descendo, como se viesse certa ali. De repente, arrependida, abre-as de novo, com muita graça, e como se risse, sobe, dando um volteio de bailarina com as azas abertas no ar. Louca!...

A menina de cabellos louros seguia-a com o sacco de filô no ar. Hei de apanha-la, disse. E foi, com os cabellos voando, pizando com os pequeninos pés, atraz do pedacinho azul de céu que voava.

Como são bellos estes dezeseite annos que parecem dez apenas!...

Foi, com o branco filô cheio de ar. Approximou-se mais... mais. Eram duas borboletas. Azues ambas. Ambas com scintillações de ouro á luz morna do sol. A borboleta que voava pousou. A outra, a borboleta que tinha o véu de gaze, agitou-o ao ar e cobriu-a. — Preza! gritou-me com uma alegriasinha nervosa e triumphante.

Fui. Ella saboreava a victoria. A borboleta de azas azues voava e revoava doudamente dentro da gaze.

— Preza? perguntei-lhe.

— Preza, repetiu-me a rir. Tomei-lhe os cabellos de ouro com as pontas dos dedos e disse-lhe:

— Estão prezas as duas.

— Esta não vò, disse-me. Agarre aquella que tem azas.

Quiz tomar a borboleta. Mas ella estava soffrega. Até ali não tinha nenhuma igual. E esta era linda! E com os dedos cor de rosa e as unhasinhas muito brilhantes prendeu-a pelas pontas das azas. A borboleta debateu-se e as azas romperam-se ligeiramente.

— Ora!... disse-me. Que pena! Tão linda! Tão azul! Agora não a quero mais. Guarde-a para si. Tome-a. Está rota. E a brincar poz-m'a, a rir, dentro da minha caixa a tiracollo.

O sol ia entrando. A claridade ala-

ranjada dourava as arvores, os troncos, o ar, de uns tons muito suaves.

As borboletas iam-se recolhendo. Nem mais uma vinha voando ao alcance do nosso olhar.

Vamos, criança loura. Voltamos... Olha! A tarde vai-se. A tua caixa está cheia de borboletas. Voltaremos amanhã...

O crepusculo entristeceu-a um pouco. Já não corria, com aquella alegria que encherá o bosque aquelle dia todo.

Chegou-se-me; agarrou-me pela mão a dizer-me: Vamos... sacudindo a onda perfumada dos cabellos de ouro.

Fomos. E ella entrou em casa, ás ultimas luzes do dia, contando os triumphos da jornada.

Veio trazer-me depois um alfinete para a minha borboleta azul. Pediu-m'a, e com os dedinhos cheirosos atravessou-a de lado a lado.

Fui pregal-a sobre a parede branca do quarto. Estava viva. Agitava mollemente as azas, ligeiramente rötas, como se tivesse alguma dor.

A noute descia, estrellada e fria.

Escou-se toda, serena, num longo somno de consciencia branca.

A's seis da manhã, através da vidraça descobria-se o dia nascente, confuso, na penumbra, sob o cinabrio do Oriente.

Abri levemente os olhos e vi, á claridade invasora, a meiga borboleta azul immovel, sobre a brancura do muro.

Creio que tornei a adormecer. Mas assim mesmo pareceu-me vel-a mover mollemente as azas e dizer numa linguagem apagada e saudosa umas palavras muito tristes.

« Vou morrer, dizia. Que noute de angustia esta, com o coração varado por este espinho da morte! Sinto-me exausta. E vou morrer saudosa ao despontar do dia. Eu anava as manhãs e o céu azul. Quando o dia vinha iam alegres por estes campos e estes herbados, voando, beijando-nos, sorrindo, beber as perolas orvalhosas da noute. Os poetas, essas almas candidas e doces como as estrellas, gostavam de ver passar o nosso bando voltijante e multicolor, á primeira luz do dia. As azas humidas dos herveas, brincando, subindo, voando, folgando, eramos o emblema das sanctas alegrias puras. Hoje vou morrer. Não mais minhas azas azues de vibrações de ouro levarão esses olhares pelo espaço fóra. Não mais esta mancha cör do céu matisará, com as mil cores das outras mil, o bosque, o herveçal em flor!

Varastes-me o coração ainda virgem. Nunca havia amado mais que esse ar branco do dia, o campo e o céu. E oxalá que aquella formosa criança loura, que matou-me as alegrias todas não sinta também um dia um maior espinho varar-lhe o coração. »

Agitou saudosamente as grandes azas como em um adeus, e ficou immovel e muda.

Quando o sol appareceu no céu e eu acordei de todo, vi que ella estava morta.

Toquei-a. E de suas azas immoveis, do pollen azul, senti exhalar-se o cheiro suave dos teus dedos de rosa, Lila!

Guardo-a ainda. E todas as manhãs, embora a morta não fale mais, fala-me o coração do teu porvir, criança! Borboletas ambas, quem me diz que um dia não serão eguaes os seus destinos?! Lila!

MANOEL CARNEIRO

O trabalho é a lei do mundo moderno.
F. SARCEY.

JORNAES E REVISTAS

Appareceu o primeiro numero de um novo jornal illustrado, que se intitula— *Rataplam*. Na primeira e na dupla pagina central estabelece o habil caricaturista Belmiro de Almeida o programma da folha em espirituosas e bem desenhadas caricaturas. A ultima pagina é occupada por um bello retrato da Princesa Imperial, desenhado com muita delicadeza e correccão pelo talentoso pintor Decio Villares.

O texto, que tambem é todo ornado de caricaturas de Belmiro, está muito leve e muito espirituoso.

E' proprietario do novo jornal o Lopes Cardoso, que transformou o seu kerosene inexplosivo nas mais explosivas gargalhadas.

Com todos os elementos de que dispõe o *Rataplam*, é de esperar que tenha uma vida longa e prospera.

E' o que lhe desejamos sinceramente.

S.

SICUT SERPENS

Pareces uma sancta, ó flör amada...

E' teu olhar um quieto lago, aonde
Um par de negras perolas se esconde.
Pejo reçuma a tua tez rosada.

Mas se, do labio a camera sagrada
Consentires que alguém num beijo sonde,
Esse alguém ha de ver, — ó perfumada
Flör, que que te aninhas em velludo e blonde, —

Esse alguém, pois, como eu, verá com pasmo
Que esse teu labio, colorido abysmo,
Guarda, sob a cortina de um sorriso,

Das viboras o forte magnetismo,
Da nevrse o torpor, da febre o espasmo,
Nectar fatal e tónico elixir.

HENRIQUE DE MAGALHÃES

BELLAS ARTES

EXPOSIÇÃO DE N. FACCHINETTI E HENRIQUE BERNARDELLI.

(Continuado do n. 97)

O panorama (julgo que a classificação não provocará arrepios aos versados em terminologia) tem o inconveniente de não accentuar a personalidade do artista. Requerendo observancia de todas as formas em um todo já de si complexo, obriga a um trabalho lento e fastidioso. Mas d'ahi não se conclue, é obvio, que toda a obra feita neste genero seja indigna de consideração. Quando não revele dotes artisticos fóra do commum, pelo menos, deixa visivel bom conhecimento do desenho.

E' com esse genero que Facchinetti melhor se dá, e que, pela fidelidade da representação dos pontos, torna-se agradável á maior parte do publico; mormente quando esse publico não têm o seu sentimento esthetico assaz desenvolvido para saber aquilatar as verdadeiras produções da arte. Contudo, no genero a que se dedicou com a maior resolução até hoje conhecida entre os nossos artistas, estão expressas qualidades merecedoras de elogio.

A perspectiva aerea e a planimetria

assim como a luz, quer seja soberana, primitiva ou resvalante, são perfeitamente observadas, postoque para vencer as duas primeiras qualidades empregue grande artificio. As vistas de Theresopolis, uma vista da encada de Paquetá, e a palheta exposta com o titulo — *Da janella do meu atelier* — têm bastante valor pela feliz execução dos detalhes e pela harmonica tonalidade do conjuncto.

*

A exposição de quadros de Henrique Bernardelli, na segunda sala da Imprensa Nacional, forma um grande contraste com a antecedente.

Ahi tudo é forte, tudo é vigoroso. Facchinetti vé a natureza por uma janellinha de sotão, um pequeno oculo de parede; Bernardelli, ao contrario, olha para a natureza por uma grande janella aberta á luz, ao ar tonificante do campo. Os seus trabalhos inculcam um temperamento irrequieto, nervoso, soffrego de impressões, uma d'essas organizações athleticas, munidas de espadas largas, forte peito, musculos desenvolvidos e reforçados pelo hygienico exercicio das caminhadas ao ar livre. Em um canto da sala vé-se-lhe o retrato, esculpido em barro, ao correr do pulso, por seu digno irmão Rodolpho Bernardelli. Deve ser aquelle o artista. E' um forte, o olhar miudo porém seguro, o pescoço rigidamente modelado, os labios carnudos, o bigode atrevido, arrebicado nas pontas, a barba rente ao rosto, o grande chapéo desabado posto á banda, dando-lhe á bella cabeça a tradicional arrogancia de um cavalheiro antigo.

Elle é a sua obra, cuja expressão é original, cheia de calor e cheia de forças. Apenas se entra nesta sala, dividida em tres partes por um biombo de velludo *grénat*, sente-se uma duradora impressão.

O primeiro quadro, á esquerda do espectador, é a *Tarantella*, excellente pintura de costumes, energica e real. A scena passa-se no interior de uma taverna. Duas raparigas, uma loura, outra morena, bombeiam-se ao ritmo da famosa dança napolitana. A loura, pletorica de lascivia, recúa, meneiando os quadris entumecidos, uma das mãos apoiada ao collete de belbutina escura, o braço direito no ar, tremelicando, triumphante, o pandeiro. Arfa-lhe o busto ligeiramente devassado pela imprudencia do corpete. Sente-se-lhe a macia redondeza do seio nú, que breve extasiará a vista do rapazão, saltando fóra das roupas, no primeiro movimento que ella fizer. E no seu olhar, nas suas faces, na sua bocca, estonteia uma ardente satisfação provocada pela excitação moral. A companheira, garbada e voluptuosa, segue-lhe os passos, fazendo negaças com o corpo. Tambem ella volita e quebra-se com faceirice nos meneios da dança; tambem possui philtros sensuaes no olhar negro e ardente!..

A rapariga que rifa o pandeiro, um magnífico typo de mulher do povo, queimado pelo calor do sol que estrelleja o azul das vagas de Sorrento, não pára e não cança. Ligeiros os dedos tamborilam no couro do instrumento predilecto. O nervoso movimento que faz para chocalhar o pandeiro desarranjou-lhe os cabellos bastos e pretos, que escondem o brilho insidioso dos olhos... porém, ella nem dá por isso! O pandeiro soluça e chocalha; o meneio dos dançantes é rapido e gracioso; lembra a curva das vagas nas noites de lua cheia... Que lhe importa que os cabellos se desmanchem! Ella está captiva de uma commoção superior. Palpita-lhe apressado o coração, sente nas veias um sangue inflammado

de amor, doudejam-lhe na phantasia insectos de rubius e esmeraldas, de sapphiras e diamantes feridos por um raio de luz estranha!... Nem sequer os ouvidos escutam o estalar dos beijos com que um rapazola peralta procura babujar o rosto de uma menina, a seu lado!

A alegria da dança propagou-se por todos os circumstantes. Até um velho freguez da taverna, no qual as quedas das illusões podem ser contadas pelas faltas dos dentes, sente as titillações do prazer, os suaves attritos das saudades sobre a aspereza d'aquelle espirito quilotado pelo alcool e pela longa vida perigosa do mar, e revê na scena que tem deante dos olhos um pouco do seu passado, em quanto uma pecurruca que lhe fica ao lado, trepada sobre o banco, recostada a uma meia parede, invejosa e sosinha, prevê um dia do seu futuro. Ao fundo, por traz do balcão, a taverneira levanta um filhinho aos braços, e, não tendo mais a quem dedicar as expansões da alegria, cobre-lhe o rostinho de caricias, acompanhando a cantar o rythmo languroso da dança dos *lazzaroni*.

(Continúa.)

ALFREDO PALHETA

Só se desgosta da vida quem não tem amor ao trabalho.

F. SARCEY.

O GANGES

Nos petreos flancos brota do Hymalaia: Depois, dos indios o sagrado rio Desce, e, ora espelante, ora sombrio, Entre florestas e juncáes s'expraia...

A natureza toda, quando raia O sol, reflecte o seu espelho frio: O elephante que vem beber, tardio, Nelle, a Vishnú sauda sobre a praia.

Quando o indio sente-se morrer, procura As suas margens, aonde a alma impura Pura se torna, e sente fundas magoas...

Pois que do indio a esperança derradeira, A suprema ambição da vida inteira, — E' morrer contemplan-do aquellas agoas...

WENCESLAU DE QUEIROZ.

THEATROS

LUCINDA

Hontem representou-se a peça em 6 quadros, de D'Ennery—*Uma causa celebre*.

S. PEDRO

Têm continuado a agradecer extraordinariamente os deslumbrantes espectáculos do Conde Patrizio de Castiglione, o habilissimo prestimano e illusio-nista.

SANT'ANNA

Vão muito adeantados os ensaios da *Befana*, nova opereta que ha de fazer grande successo, porque, alem de um libretto interessante, tem uma musica bellissima.

Faz beneficio no dia 15 a intelligente e sympathica actriz Dolores. Nessa noite será representada pela primeira vez a opereta em 1 acto — *A minha sombra*.

RECREIO

Prepara-se com afan *O filho da noite*. Entretanto, *A Martyr* continua ainda a ter grande successo.

Com o titulo *Folies Bresiliennes* inauguram-se hoje uns divertidos espectáculos na rua da Guarda Velha, n. 12 A.

P. TALMA.

Os paradoxos de hoje são as verdades de amanha.

E. LABOULAYE.

TRATOS Á BOLA

Decifrações das ultimas *tratheologias* (n. 97):

Da telegraphica, *nastro* (salva a cacophonia): da em duo: — só-os; da novissima, *vegetação*; do anagramma, *Frei Simplicio*; do quebra, *Maragogipe*; da antiga, *alçapão*; e do logogripho, *massaranduba*.

Ganhou vinte contos o Sr. *Petit-Pois*, unico que acertou com todas as decifrações.

D'esta vez *espicharam-se* os illustres *tratistas Pépe* (que apenas não desatou o *nastro*) *Fricinal Vassico* (que não vio a *vegetação*) e os *calouros Frei Capuchinho Primeiro* e *D. Monio*, que errou como o... demonio.

Falta-me espaço hoje para *tratear*. Mas convido-os para o n. 99: vão ver o que são uns *Tratos* de repica-ponto.

Até sabbado, meus amados irmãos.

FREI ANTONIO

Sómente se encontra a felicidade na companhia de uma boa mulher.

B. DE SAINT PIERRE.

SPORT

As corridas do Prado Villa-Izabel no domingo passado, estiveram extraordinariamente concorridas, apesar do forte calor que durante o divertimento reinou com bastanta intensidade. Os pareos foram bem disputados, havendo muito entusiasmo em alguns d'elles. Eis o resultado:

No 1º pareo (1.000 metros) *Guacho* em 71 segundos venceu *Bolero*, que perdeu por determinado proposito do seu jockey e tão visivelmente, que indignou

a maioria dos espectadores. A digna directoria tomou conhecimento do facto e consta ter procedido rigorosamente contra o jockey. *Bariguy* em 3º. *Demonio* não correu.

No 2º pareo (1.450 metros) *Odalisca*, em 96 segundos, facilmente venceu os seus competidores, que eram muito fracos. *Argentino* em 2º. *Attila* em 3º. *Chapeco*, *Galgo*, *Pip* e *Kally* não correram.

No 3º pareo (1.000 metros) *Araby*, em 67 segundos, venceu facilmente *Ivon* que chegou em 2º, *Apparecida* em 3º, e *Villa-Nova* em 4º. *Galgo* não correu.

No 4º pareo (1.800 metros—handicap) *Bayoco*, em 123 segundos, obteve uma brilhante victoria, lutando fortemente com *Pery*, cujo jockey atirou-se fóra, e com *Boyardo* que chegou em 2º, perdendo apenas por pouca differença. *Regina* chegou em 3º, devendo talvez vencer, se não fosse mal corrida. *Biscaia* em 4º, *Bonita* distancada. *Araby*, *Cavour*, *Ivon* e *Druid* não correram.

No 5º pareo (2.600 metros—handicap) *Satan*, em 175 segundos, aproveitando-se da porfiada lucta que travaram *Scylla* e *Coupon*, venceu com luz aberta os seus competidores. *Scylla* chegou em 2º, *Coupon* em 3º. *Diomede* e *Curubaité* chegaram por ultimo. *Diva* e *Sylvia II* não correram.

No 6º pareo (1.000 metros) *Pansy*, em 67 segundos, parecendo-nos mais bem preparada, venceu com facilidade *Spe-ciosa*, que chegou em 2º e *Gazida* em 3º.

No 7º pareo (1.600 metros) *Aymoré*, apesar dos 60 kilos e de ter sahido com muito atrazo, venceu facilmente em 108 segundos os seus competidores. *Zaire* em 2º, *Savana* em 3º, *Eucharis* em 4º e *Bolero* em 5º. *Tardia* e *Guacho* não correram.

As corridas de amanhã no Derby-Club devem ser esplendidas, pelo magnifico programma, que, indubitavelmente, é importante, não só pela disposição dos pareos como também pelos excellentes parceiros que necessariamente irão travar porfiada lucta nos diversos pareos em que se inscreveram. Parabens ao florescente e importante Derby-Club.

L. M. BASTOS.

FACTOS E NOTICIAS

Chegou segunda feira de S. Paulo o Sr. Boaventura de Sá, que vae brevemente abrir uma importante casa commercial naquella cidade.

Chegou segunda feira no *Sénégal* o nosso antigo collega Manoel da Silva Pontes, que volta agora de Shanghai, onde exerceu com brilhantismo o cargo de vice-consul do Brasil.

Cumprimentamol-o cordialmente.

A bordo do *Sénégal* regressou da sua viagem á Europa o estimadissimo Sr. Joaquim Guimarães, o sympathico e famoso papellista ali da esquina. Veio rijo, elegante, satisfeito e... morto por voltar para as longes terras donde veio. Trouxe consigo maravilhas no seu genero de negocio. Daremos d'ellas no proximo numero uma noticia. Comprimentamos o Guimarães.

CORREIO DA GERENCIA

Sr. J. MAGNO — Côte. Temos colleções d'A Semana, do anno de 1885, elegantemente encadernadas, a 15\$000 cada uma.

Sr. E. V. MACHADO—Santa Delfina.— O que V. S. nos diz é perfeitamente exacto.

Aos Srs. João Gomes Ribeiro, Ireneu Portugal e João Rodrigues de Brito rogamos o favor de prestarem attenção ao que lhes temos pedido.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos ns. 1, 2 e 20 d'A Semana, a 500 rs. cada um.

Sr. M. Louzada — Cantagallo. O recibo apresentado a V. S. está certo. Pôde, pois, V. S. pagal-o.

Sr. T. O. TOSTES — Miracema — Afim de ser satisfeito o seu pedido, queira dizer-nos o numero do ultimo recibo em seu poder.

Sr. J. F. SA JUNIOR.— Nitheroy.— Diga-nos V. S. o meio por que poderemos cobrar a sua assignatura: O correio encontra sempre V. S. para lhe entregar a folha, mas o nosso cobrador não é tão feliz. Acresce que o recibo está em poder de V. S.

Sr. G. O. CASTRO.— Piáu.— Queira V. S. dizer-nos o numero do recibo pelo qual se julga quite, afim de que lhe enviemos o premio que V. S. reclama.

RECEBEMOS

O Occidente — Revista illustrada de Portugal, de 11 de Outubro p.p.
Os invisiveis de Lisboa, — fasc. II. 2.
Revista dos Constructores, n. 9.
Historia de Gil Braz de Santilhana, — fasc. n. 45 e 46.
Hymno da Associação Beneficente Homenagem ao Conde de S. Salvador de Matosinhos.
Le Salon de la Mode, de que são correspondentes nesta cõrte os Srs. Henri Nicoud & C. n. 42 e 43, tendo este a data de hoje.
— Dos mesmos Le Printemps, com data de 16 do corrente. Magnificos — todos.
O Gryphus, n. 5 — Como os anteriores, este numero contém apreciaveis desenhos e um texto variado e interessante.
Fabulas de Lafoiteine, fasc. n. 16.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

Dr. João Hotelho, medico e operador; molestias venereas, syphiliticas e das vias urinarias. Operações de pequena e alta cirurgia. Applicações medicas e cirurgicas de electricidade. Rua dos Andradas, n. 51, por cima da antiga pharmacia Fragoso, das 12 ás 3 horas.

Advogado.— O Dr. João Marques mudou seu escriptorio para a rua 1^a de Março n. 23.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Corrêa da Silva & C. é a unica casa da barateza na Villa de Sapucaia.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbaena.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineraes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e apperhos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continúa a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

DR. GONZAGA FILHO

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÁS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares e do coração.

GAZETA LITTERARIA

Director e Proprietario

ALFREDO DE PAIVA

REVISTA MENSAL — REDACÇÃO EM PETROPOLIS

Letras, Sciencias, Artes. Industria, Commercio. Collaborada por distinctos escriptores e homens de letras.

O 4^o numero sahirá em janeiro proximo futuro, constando d'ahi em diante de 8 pag. papel superior, nitida impressão. Serão distribuidos supplementos, gravuras, etc. aos assignantes.

E' correspondente da Gazeta Litteraria, em Paris, o Sr. A. d'Oliveira Costa, director do Courier de Paris e socio da Agence de Publicité E'trangère.

ASSIGNATURAS

5\$000 por anno — 500 rs. n. avulso

(Pagamento adiantado)

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

ORIENTE

E' geralmente conhecido como uma especialidade no seu genero o Café Oriente, da fabrica a vapor do Pinto Moreira & C.

DEPOSITOS PRINCIPAES

25 RUA DA PRAINHA 25

9 C LARGO DO ROSARIO 9 C

47 Rua do Carmo 47

E em todas as casas que tiverem a respectiva taboleta— annuncio.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

COLLEGIO

SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM PETROPOLIS

Reabrir-se-ha no dia 1 de Janeiro de 1887 este segundo estabelecimento, debaixo da direcção do Dr. A. Zeferino Candido.

O collegio da Côte continúa, como até aqui, a cargo do director João Lopes Chaves e com o seu antigo pessoal.

As condições de admissão, preços programmas, methodos e disciplina são perfeitamente eguaes para os dous estabelecimentos. E' facultativa a escolha do collegio para todos os alumnos.

No inverno descerão para o collegio da Côte, acompanhados pelo seu director e mestres, os alumnos de Petropolis, para continuarem sem alteração os seus trabalhos.

Informações, matriculas desde já, no Collegio S. Pedro de Alcantara, na Côte.

RUA DE S. CLEMENTE N. 30

OS DIRECTORES

A. Zeferino Candido.
João Lopes Chaves.

DERBY-CLUB

PROGRAMMA DA 12ª CORRIDA A REALIZAR-SE EM 14 DE NOVEMBRO DE 1886

A's 11 1/2 horas — 1º pareo — ESTRADA DE FERRO D. PEDRO II — 1.200 metros — Animas do paiz de menos de meio sangue, que não tenham ganho no Derby, — Premios: 250\$ ao primeiro, 50\$ ao segundo e 25\$ ao terceiro,

Ns.	NOMES	PELLO	IDADE	NATURAL.	PESO	CORES DAS VESTIMENT.	PROPRIETARIO
1	Sultão.....	Libuno.....	4 annos	Minas Geraes	54 kilos	Encarnado e preto.....	J. Ferreira Vaz.
2	Guacho.....	Chita.....	3 »	R. Gr. do Sul.	51 »	Grénat e manchas azues...	A. M.
3	Bolíero.....	Castanho....	3 »	Idem.....	51 »	Encarnado e ouro.....	A. M. S. L.
4	Africano.....	Preto.....	4 »	Paraná.....	54 »	Azul e rosa.....	H. José da Silva.

A's 12 1/4 horas — 2º pareo — SEIS DE MARÇO — 1.450 metros — Animas do paiz até meio sangue, que não tenham ganho este anno no Derby-Club — Premios: 400\$ ao primeiro, 80\$ ao segundo e 40\$ ao terceiro.

1	Sartarelle.....	Preto.....	5 annos	Paraná.....	54 kilos	Geranium e ouro.....	J. W.
2	Dinorah.....	Castanho....	4 »	R. de Janeiro.	52 »	Grénat e lirio.....	D. A.
3	Americana.....	Tordilho.....	4 »	Idem.....	50 »	Branco, preto e encarnado..	M. L. de Carvalho.
4	Pretoria.....	Libuno.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Azul e havana.....	A. C.
5	Condor.....	Castanho....	3 »	Idem.....	49 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro..
6	Orpheo.....	Preto.....	5 »	Idem.....	51 »	Vermelho e boné preto....	J. Lemos.
7	Vampa.....	Zaino.....	4 »	Rio Grande...	52 »	Grénat e manchas azues...	Coud. Paraiso.
8	Onix.....	Castanho....	3 »	S. Paulo.....	49 »	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
9	Baccarat.....	Gateado.....	4 »	Idem.....	52 »	C. V. F.
10	Villa-Nova.....	Zaino.....	4 »	Paraná.....	50 »	Azul, branco e amarello....	Coud. Esperança.
11	Caporal.....	Alazão.....	4 »	S. Paulo.....	52 »	Verde, branco e encarnado.	R. M.

A' 1 hora — 3º pareo — EXTRA — 1.200 metros — Poldros e poldras estrangeiros de 2 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Alfredo.....	Castanho....	2 annos	França.....	47 kilos	Grénat e manchas azues...	Coud. da Bocaina.
2	Frontin.....	Zaino.....	2 »	Idem.....	47 »	Idem e perola.....	Coud. R. de Janeiro.
3	Phénicia.....	Alazão.....	2 »	Inglaterra...	45 »	Encarnado e azul.....	J. Sampaio.
4	Pancy.....	Zaino.....	2 »	Rio da Prata.	45 »	Cereja, verde e amarello....	V. M.
5	Echoron.....	Idem.....	2 »	França.....	47 »	Azul, branco e grénat.....	S. M.

A' 1 3/4 hora — 4º pareo — COSMOS — 1.450 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 600\$ ao primeiro, 150\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro.

1	Cheapside.....	Alazão.....	3 annos	Inglaterra...	53 kilos	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista.
2	Couyon.....	Idem.....	3 »	França.....	49 »	Azul, branco e encarnado.	Idem Cruzeiro.
3	Exhibitor.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra...	49 »	Grénat e boné ouro.....	Oscar Machado.
4	Scylla.....	Castanho....	3 »	Idem.....	47 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
5	Peruana.....	Zaino.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul e amarello.....	Martins Rocha.

As 2 1/2 horas — 5º pareo — EXCELSIOR — 1.609 metros — Poldros e poldras nacionaes de 3 annos — Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro,

1	Pip.....	Pampa.....	3 annos	S. Paulo.....	49 kilos	Ouro e rosa.....	B. V.
2	Monitor.....	Castanho....	3 »	Idem.....	51 »	Azul, branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
3	Dandy.....	Idem.....	3 »	Idem.....	53 »	Verde e amarello.....	F. Vianna.
4	Odalisca.....	Pampa.....	3 »	Idem.....	49 »	Verde, branco e amarello..	R. M.

A's 3 1/4 horas — 6º pareo — DERBY-CLUB (HANDICAP) — 1.700 metros — Inteiros e eguas do paiz — Premios: 1:000\$ ao primeiro, 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro,

1	Bonita.....	Alazão.....	5 annos	S. Paulo.....	45 kilos	Branco e preto.....	J. Machado.
2	Sans-Soucy.....	Castanho....	5 »	Minas.....	50 »	Azul e grenat.....	Coud. Internacional.
3	Pery.....	Idem.....	5 »	S. Paulo.....	52 »	Branco, preto e encarnado.	M. S. Ferreira.
4	Talisman.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	55 »	Azul branco e encarnado..	Coud. Cruzeiro.
5	Regina.....	Douradilho..	4 »	Idem.....	47 »	Grénat e azul.....	Coudelaria Paraiso.
6	Boreas.....	Castanho....	5 »	Idem.....	65 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.

A's 4 horas — 7º pareo — GRANDE PREMIO PROGRESSO (HANDICAP) — 2.400 metros — Animas do paiz, até meio sangue — Premios: 2:000\$ ao primeiro, 500\$ ao segundo e 250\$ ao terceiro.

1	Catana.....	Douradilho	4 annos	S. Paulo.....	47 kilos	Geranium e ouro.....	J. W.
2	Biscaia.....	Alazão.....	4 »	Idem.....	52 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Araby.....	Idem.....	4 »	R. de Janeiro.	51 »	Grénat e lirio.....	Mario de Almeida.
4	Nicoafy.....	Castanho....	4 »	Paraná.....	55 »	Azul e branco.....	J. & P.
5	Ivon.....	Zaino.....	4 »	Idem.....	53 »	Preto, branco e encarnado.	C. P.
6	Baioco.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	60 »	Branco, mangase bonét enc.	Oliv. Junior & Lopes
7	Druid.....	Tordilho....	4 »	R. de Janeiro.	65 »	Branco e bonét encarnado.	Idem idem.
8	Paulicéa.....	Castanho....	4 »	S. Paulo.....	47 »	Encarnado, branco e ouro..	Coud. Paulista.
9	Zaire.....	Gateado.....	4 »	Paraná.....	49 »	Rosa e ouro.....	Coudelaria Amadores
10	Aymoré.....	Castanho....	5 »	S. Paulo.....	51 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
11	Boyardo.....	Alazão.....	5 »	Idem.....	58 »	Branco e estrellas azues...	Coud. Guanabara.

A's 4 3/4 horas — 8º pareo — RIO DE JANEIRO — 2.000 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz — Premios: 1:200\$ ao primeiro, 300\$ ao segundo e 150\$ ao terceiro.

1	Scylla.....	Castanho....	3 annos	Inglaterra...	47 kilos	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
2	Plutão.....	Alazão.....	6 »	França.....	54 »	Azul, branco e encarnado..	Idem Cruzeiro.
3	Dignitaire.....	Idem.....	3 »	Idem.....	49 »	Grénat e manchas azues...	Idem da Bocaina.
4	Cheapside.....	Idem.....	3 »	Inglaterra...	47 »	Encarnado, branco e ouro.	Idem Paulista.

A's 5 1/4 horas — 9º pareo — LEMGRUBER — 1.450 metros — Inteiros e eguas de qualquer paiz que não tenham ganho este anno no Derby-Club — Premios: 500\$ ao primeiro, 100\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro.

1	Dioméde.....	Zaino.....	3 annos	França.....	49 kilos	Branco e encarnado.....	Oliv. Junior & Lopes.
2	Madama.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Azul, branco e encarnado..	Cruzeiro.
3	Mastin.....	Castanho....	3 »	Idem.....	49 »	Idem, Idem, Idem e facha..	Coud. Cruzeiro.
4	Exhibitor.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra...	49 »	Grénat e bonét ouro.....	Oscar Machado.
5	Gaudriole.....	Castanho....	3 »	França.....	47 »	Grénat e perola.....	Coud. Rio de Janeiro.
6	Gaxida.....	Alazão.....	3 »	Idem.....	47 »	Branco.....	A. F.
7	Peruana.....	Zaino.....	3 »	Inglaterra...	47 »	Azul e amarello.....	Martins Rocha.
8	Catita.....	Castanho....	3 »	Idem.....	47 »	Azul.....	Freitas Guimarães.